

Sobre o objeto da ciência da economia cristã

Hoje, três anos após a grande quebra financeira de 1987 e dois anos após a minha conferência em Berlim, em outubro de 1988, sobre a iminente reunificação alemã¹, é cada vez mais claro que os dois dogmas econômicos anteriormente reinantes neste planeta, os de Adam Smith (1723-1790) e Karl Marx (1818-83), estão sendo enterrados, talvez para sempre, sob uma avalanche de entulho pós-industrial e usura. A menos que seja logo adotada a substituição adequada para estes dogmas fracassados de ontem, cada região deste planeta deve ser considerada como se já estivesse mergulhando em uma nova Idade das Trevas, pior do que aquela que avassalou a Europa com força quase apocalíptica, em meados do século XIV.

Se tivéssemos sido confrontados com afirmativas tão assustadoras no início do nosso século, quando ainda havia uma minoria significativa de economistas e historiadores competentes, eles teriam respondido ao parágrafo precedente com palavras que redundariam em algo como: “O que propões é um retorno imediato ao ‘Sistema Americano de economia política’ original”. Eles entenderiam assim aqueles princípios (antibritânicos) de economia e sistema bancário tradicionalmente associados a nomes proeminentes como os do presidente dos EUA, George Washington, do secretário do Tesouro Alexander Hamilton², os dois Careys³, o presidente

da Câmara dos Deputados, Henry Clay⁴, e o idealizador da unificação e o desenvolvimento da economia alemã do século XIX, Friedrich List⁵.

Os hoje desacreditados dogmas liberais eram os principais males do século XVIII, contra os quais a Guerra de Independência dos EUA foi tão justamente travada pelos patriotas americanos de então⁶. O Sistema Americano, em cuja defesa lutaram aqueles patriotas contra o opressor britânico da época, está implicitamente embutido na Declaração de Independência de 1776 e no Preâmbulo e no Artigo I da Constituição Federal.

Desde 1787, sempre que o governo dos EUA aplicou as políticas daquele Sistema Americano, a nação prosperou, com o resultado global de ter-se tornado a principal economia do mundo. Sempre que o mesmo governo cometeu a grande bobagem de seguir as idéias lunáticas de Adam Smith, como fizeram, por exemplo, os presidentes Jefferson, James Madison e Jackson, os EUA mergulharam na ruína econômica, como estão sendo agora arruinados pelas loucuras acumuladas dos últimos seis presidentes que se seguiram ao assassinado John F. Kennedy.

Atualmente, seria uma boa coisa se o governo dos EUA derrubassem, com uma única lei, todas as mudanças na política econômica, financeira e monetária introduzidas após o assassinato do presidente Kennedy. Isto seria positivo, mas seria preciso fazer mais. Devemos reafirmar o Sistema Americano de economia política, sobre o qual foram baseados implicitamente todos os sucessos econômicos dos Estados Unidos até hoje; mas mesmo isto ainda não é o bastante.

Por razões que aqui mostraremos, não devemos admirar tanto a comprovada supremacia do Sistema Americano, a ponto de negligenciarmos o fato de que ele é apenas uma aproximação bem sucedida, para fins de aplicação, de algo muito mais profundo, menos imperfeito e verdadeiramente fundamental. O Sistema Americano foi, basicamente, um reflexo da influência direta e indireta do fundador da ciência econômica, Gottfried Wilhelm Leibniz, sobre certos pensadores líderes das colônias inglesas na América⁷. Contudo, há aqui algo ainda mais profundo em questão.

Focalizemos por um momento a questão das várias guerras que a Grã-Bretanha travou ou orquestrou contra os Estados Unidos durante o intervalo 1775-1865⁸. A questão central destas guerras foi a recusa britânica em tolerar aquelas políticas econômicas identificadas pelo secretário do Tesouro do presidente George Washington, Alexander Hamilton, como “o Sistema Americano de economia política”.

O significado mais genérico daquele conflito econômico com a Grã-Bretanha é que o Sistema Americano de economia política é bastante concordante com os princípios sobre os quais se fundamenta a civilização cristã. O inimigo original e contínuo do Sistema Americano é um dogma anticristão, um dogma explicitamente imoral, que foi originalmente concebido por Adam Smith e outros agentes da Companhia Britânica das Índias Orientais do século XVIII, como uma cópia do modelo da antiga e pagã Roma Imperial.

Nas páginas seguintes, resumiremos as disputas mais profundas entre o cristianismo e o neopaganismo britânico, subjacentes aos contínuos esforços do liberalismo londrino para exterminar até mesmo a memória do “Sistema Americano”. Dirigir-nos-emos aos aspectos “axiomáticamente” cristãos da fundação da ciência econômica por Gottfried Leibniz e, desta forma, os defendemos. Defendemos o “Sistema Americano” em seu aspecto implícito de reflexo da influência de Leibniz sobre os principais patriotas americanos do século XVIII⁹. Desta forma, indicaremos a importância crucial daqueles princípios cristãos e temas correlatos para definir eficientemente a crise estratégica dos anos 90.